

CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR A COMPLEXIDADE DO FEMININO NA VIOLÊNCIA DE GÊNERO: PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

CONTRIBUTIONS TO THINKING ABOUT THE COMPLEXITY OF THE FEMININE IN GENDER VIOLENCE: PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVE

Suênia de Lima Duarte

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia pela UNIFOR, bolsista FUNCAP.

Leônia Cavalcante Teixeira

Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UNIFOR.

Ana Cláudia Coelho Brito

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia – UNIFOR.

Lara Praxedes Brandão

Graduanda do curso de Psicologia pela UNIFOR, bolsista de iniciação científica PROBIC.

RESUMO

Este estudo apresenta uma pesquisa teórica sobre violência de gênero e psicanálise, com discussão do conceito de feminino pela perspectiva psicanalítica. Destaca-se que violência de gênero é compreendida aqui como qualquer forma de agressão e opressão de um sexo sobre o outro, seja nas relações heterossexuais, homossexuais, transexuais ou outras diversidades sexuais (SILVA, 2018). O ponto de partida para a construção da pesquisa foi uma revisão bibliográfica, considerando estudos mais contemporâneos publicados nos últimos 10 anos para a contextualização da temática e a teoria psicanalítica como suporte das discussões. A leitura dos estudos encontrados apontou que o conceito de feminino ocupa um lugar para além das questões anatômicas e socioculturais, sendo tratado como fundamental para situar o sujeito frente à sua sexualidade. A violência de gênero, por sua vez, apresenta-se demarcada nos estudos em que o sujeito está diante da fruição de gozo, sendo subjugado a atos violentos que proporcionam o gozo do *Outro*. O agressor, nesse caso, usufrui de um gozo fálico, porém essas demarcações podem fruir, deslocando-se de possibilidades identificatórias e sendo tomado o sujeito por uma angústia. A depreciação do feminino se apresenta como algo peculiar para se pensar a violência de gênero, apesar do corpo da mulher ser alvo primordial da violência, o homem, o corpo *trans*, os homossexuais e outras diversidades não estão fora do massacre da violência de gênero, justamente porque não é a mulher que é a atingida, mas o feminino. No recorte temporal do estudo, a última década, nada foi encontrado dando ênfase a outras diversidades sexuais, ou seja, somente a mulher foi apresentada como vítima da violência nos estudos analisados. Posto isto, sugere-se então que outras diversidades sexuais sejam estudadas a partir da violência de gênero, da psicanálise e do feminino, ampliando as discussões da violência na constituição do ser sujeito entrelaçado com sua sexualidade, o que pode contribuir para a expansão das compreensões sobre o que é ser humano imerso em uma pluralidade de subjetividades.

Palavras-chave: Psicanálise. Violência de gênero. Violência contra mulher. Feminino.

ABSTRACT

The objective of this study is to present a theoretical research on gender violence and psychoanalysis, discussing the concept of femininity from a psychoanalytic perspective. Gender violence is understood here as any form of aggression and oppression of one sex over the other, whether in heterosexual, homosexual, transgender or other sexual diversities relationships (SILVA, 2018). The starting point is a theoretical study, through the bibliographic review method, using psychoanalytic theory as support for the discussions, as well as more contemporary studies published in the last 10 years. The concept of femininity appears in the studies, taking a place that goes beyond anatomical and sociocultural aspects; this concept is treated as a position that situates the subject in relation to his sexuality. The gender violence presents itself demarcated by a position of the subject, facing the enjoyment of *jouissance*, in which the one who is subjugated to violent acts, is situated in a position of Other *jouissance*, while the aggressor is in a phallic *jouissance*, but these demarcations can be fruited by displacing the possibilities of identification, and the subject is taken by anguish. The depreciation of the feminine presents itself as something peculiar to think about gender violence, although the female body is the primary target of violence, men, transgender bodies, homosexuals and other diversities are not excluded from the massacre of gender violence, precisely because it is not the woman who is affected, but the feminine. In this time frame of the study, nothing was found emphasizing other sexual diversities, women presented themselves as victims of violence in the studies analyzed. It is suggested that other sexual diversities be studied based on gender violence, psychoanalysis and femininity, expanding the discussions of violence in the constitution of being a subject intertwined with his sexuality, contributing to expand the understandings about what it is to be a human being immersed in a plurality of subjectivities.

Keywords: Psychoanalysis. Gender violence. Violence against women. Feminine.

INTRODUÇÃO

Pensar a violência de gênero no Brasil é pensar sobre direitos humanos de todas as pessoas e sobre igualdades de gênero, afinal esse é um fenômeno que se refere às formas de violência exercidas contra uma pessoa em função do seu gênero. Nas palavras de Silva (2018), violência de gênero é toda forma de agressão e opressão, seja ela verbal, física, sexual ou psicológica, de um gênero sobre o outro. Nesses casos, geralmente, há supremacia do homem sobre mulheres, homossexuais, transsexuais, transgêneros e outras diversidades (sexuais) postas em relevo na sociedade mundial e brasileira na contemporaneidade.

Na prática, a maioria das vítimas são mulheres e por isso a violência de gênero é frequentemente chamada de violência contra a mulher. Todavia, no final de 2018, com a atuação dos defensores públicos e a inclusão da violência de gênero no rol dos crimes, abriu-se espaço para a inclusão de qualquer tipo de diversidade sexual no quadro das vítimas.

De acordo com estudo de Silva (2018) outros tipos de violência de gênero são reconhecidas, como a violência física, a psicológica, a econômica, entre outras, as quais podem ser exercidas por parceiros íntimos, familiares, conhecidos, estranhos ou instituições, em

espaços públicos ou privados. Certamente, a violência emerge sempre no "entre": entre pessoas, entre situações, entre relações.

Em estudo feito por Mandelbaum, Schraiber e Oliveira (2016), os conflitos nas relações íntimas culminam em violência de gênero. Um fato interessante é que esses conflitos se intensificaram durante a Pandemia da Covid-19, quando as relações íntimas se desgastaram, aumentando a prática agressiva. Na esteira dessa discussão, Marques *et al* (2020) atestam que, no período pandêmico, as mulheres e seus parceiros íntimos estavam em um sistema de privação social, o que contribuiu ainda mais para a prática de atos de violência doméstica.

A violência, como todo fenômeno humano, vai ser atuada, experimentada e compreendida a partir dos modos singulares com que cada um de nós percebe a realidade e interage com ela. Esses modos também se originam na história pessoal e familiar de cada um (MANDELBAUM; SCHRAIBER; OLIVEIRA, 2016). Decerto, a violência de gênero vem se expandido a cada ano, por isso, para combatê-la é necessário um esforço conjunto de governos, organizações da sociedade civil, setor privado e indivíduos. Isso pode incluir a criação de leis e políticas que criminalizem e garantam a proteção das vítimas, bem como de programas de conscientização e educação para preveni-la e para promover a igualdade de gênero.

No cenário de violência contra mulheres, algumas conquistas já foram alcançadas, como a implementação das leis nº. 11.340/2006 (Lei Maria da Penha) e nº. 13.104/2015, (Lei do Feminicídio), ambas com importantes contribuições para transformação do modo como o Estado trata esses atos criminosos. Essa judicialização é uma forma protetiva básica para sujeitos que estão em um processo de sofrimento psíquico advindo da violência contra mulher, que deixa marcas severas, levando as vítimas a sofrimento psíquicos, com inúmeros desdobramentos nas trajetórias de todos os envolvidos (LOPES *et al*, 2022).

Essa violência no país vem sendo combatida com o auxílio da "Casa da Mulher Brasileira", que atua como rede de proteção e atendimento humanizado às mulheres que foram vítimas de violência. No Ceará, segundo estudo realizado por Lopes *et al*. (2022), a Casa da Mulher Brasileira se apresenta como um dos órgãos de maior divulgação dos dados sobre violência contra mulher, concentrando serviços especializados, como o Centro de Referência, o Juizado, a Defensoria Pública e o Ministério Público. O equipamento foi fundado em 2018, com o intuito de reunir uma rede de enfrentamento em um mesmo local, dando assim celeridade a medidas urgentes. Nesse espaço também funciona o Núcleo de Enfrentamento à Violência contra a Mulher - Nudem, que trabalha junto a outras instituições com procedimentos sócio-

políticos de enfrentamento à violência de gênero, os quais se estabelecem por meio de parcerias e convênios interinstitucionais.

A violência de gênero, no Brasil, torna-se um problema de política pública no que se refere à saúde, à educação, à saúde mental e à segurança, uma vez que aqueles por ela afetados chegam a ver-se atingidos nas atividades de todos esses setores que mobilizam os serviços públicos de nosso país. Assim, é necessário pensar em estratégias de enfrentamento em todas as esferas de poderes públicos.

A Universidade de Fortaleza (UNIFOR) se apresenta como uma dessas estratégias, atuando junto ao Núcleo de Promoção e Defesa dos Direitos das Mulheres (NUDEM), que, em agosto de 2020, deu início à primeira pesquisa, intitulada “Violência de gênero no contexto da pandemia da Covid-19: uma proposta de intervenção em urgência subjetiva com mulheres em situação de vulnerabilidade e risco”. Nos dias atuais, o núcleo ampliou as investigações e intervenções por meio de outra pesquisa intitulada “Violência de gênero contra mulher: uma proposta de intervenção com mulheres e seus filhos”, que acontece através da escuta clínico-institucional, a partir do dispositivo da urgência subjetiva em atendimentos *online* para as mulheres encaminhadas pelos Nudem-Fortaleza e com atendimentos presenciais na própria UNIFOR para os filhos, crianças e adolescentes, de vítimas que sofrem violência de gênero.

Ainda que medidas jurídicas tenham sido estabelecidas, parecem não ser suficientes para dar conta do aumento dos índices de violência de gênero. Em estudo realizado por Silva (2018), os dados estatísticos de violência no Brasil, sobretudo contra mulheres, são assustadores e crescem a cada dia. Apresenta-se também como algo preocupante a violência contra homossexuais masculinos. O que fazer, então, diante de um caos que só cresce?

Acredita-se ser, hoje, um dos maiores desafios dos pesquisadores o fato de os sujeitos serem marcados por questões históricas, culturais e políticas que os atravessam. Negar isso talvez seja um grande erro, pois é preciso ver além do óbvio, além daquilo que se pode dizer; é preciso ouvir o sujeito nas entrelinhas, ouvir o sujeito que nada tem a dizer sobre aquilo que lhe causa. A violência de gênero se apresenta como um desafio para se pensar as questões no que se refere à subjetividade, pois para muitos, ainda não se diz muito sobre o porquê, por exemplo, se mantêm em uma relação de violência, sem conseguir se livrar de suas amarras.

É notório um investimento significativo dos mais diversos campos das ciências, por meio dos estudos interdisciplinares, para se pensar a violência de gênero. O estudo de Mandelbaum, Schraiber e Oliveira (2016), por exemplo, possibilitou, mediante uma pesquisa interdisciplinar, uma aproximação com a experiência vivida por pessoas, nesse caso mulheres

e crianças vítimas de violência doméstica. Os esforços são válidos, porém é preciso começar a se pensar em estratégias de produção de conhecimento, em que a subjetividade seja presentificada.

Em contribuição a essa discussão, Naves (2014) apresenta a violência como um problema multifacetado, em que questões históricas, sociais, políticas e culturais são englobadas, trazendo um prejuízo tanto para sujeitos envolvidos diretamente com ela, como também para as instâncias sociais e, conseqüentemente, para a população em geral.

O conceito de “feminino” vem, justamente, abrindo espaço para se pensar a subjetividade dos sujeitos envolvidos com a violência, sendo esse um terreno fértil para a reflexão sobre a violência de gênero no âmbito científico. Para Naves (2014), o feminino pode ser abordado a partir de um olhar lacaniano, apontando a posição passiva da mulher frente à violência, a qual encontra-se submetida a forças pulsionais que apontam para um gozo indizível. A autora afirma que a violência representada não é como um sintoma interpretável, ou como retorno do recaiado, que merece ser decifrado, mas como algo que insiste e resiste em não ser captado pelas malhas da linguagem.

O conceito de violência de gênero não é da psicanálise, porém a teoria psicanalítica nos dá possibilidade de pensá-lo a partir de um discurso que rompe com o jurídico, uma vez que a mulher não é vista como vítima, mas como responsável por sua condição de assujeitamento diante da violência. Assim, podemos pensar que existe um gozo a mais vivenciado por essas mulheres que são violentadas por seus parceiros. Diante dessa afirmação, é necessário abordarmos o conceito de masoquismo, presente na obra “O problema econômico do masoquismo”, (FREUD, 1924), e na conferência Feminilidade, em 1933, ajuda-nos a pensar sobre essa relação de gozo, apontando que a questão da violência contra mulher se dá uma vez que esta aceita a condição de objeto, em que a mulher goza dessa posição. Na psicanálise, essa posição ocupada pelo sujeito frente a sua sexualidade, é discutida a partir do conceito de feminino (FERREIRA; DANZIATO, 2019)

O feminino é, portanto, um conceito psicanalítico fundamental para se pensar as questões da violência nas mais diferentes relações humanas que possam vir a acontecer. Segundo Birman (2001), o feminino transcende a diferença de sexo, ultrapassando em muito a oposição entre as figuras do homem e da mulher. Esse feminino, não sendo uma estrutura no que se refere ao referencial fálico, leva à reflexão sobre uma feminilidade também masculina, enredando esse conceito a aspectos da subjetividade humana e abrindo espaço para se pensar outros tipos de relações sexuais no campo da violência de gênero.

A psicanálise avança quando sai de uma perspectiva falocêntrica — a partir da relação feminilidade-castração, em Freud — para possibilitar novas leituras com Lacan, relacionando-se ao Real e dissociando mulher/feminilidade/mãe. Como evidência Birman (2001), a presença de diferentes “gramáticas do erotismo” no campo da subjetivação permite se pensar a experiência da feminilidade – como uma realidade plural. Nesse sentido, a psicanálise vem como um dos campos do saber relevantes, a partir do século XX, para a reflexão sobre o humano na sua complexidade, introduzindo a noção de inconsciente, como uma forma de constituição que é universal.

Em estudo realizado por Zuben (2020), intitulado “Ricoeur, Foucault e os mestres da suspeita: em torno da hermenêutica do sujeito” lemos a respeito da importância da psicanálise como um campo relevante para se pensar as ciências humanas. A razão estaria no fato de introduzir algo que questiona o cartesianismo e o positivismo por meio da análise de comentários realizados, ainda na década de sessenta, por Michel Foucault e Paul Ricoeur, sobre o significado das obras de Nietzsche, Freud e Marx, problematizando a hermenêutica moderna.

Os pensadores destacados acima ganharam destaque ao questionarem a cultura ocidental, elaborando considerações sobre o pensamento humano, bem como sobre as relações destes com o mundo. Paul Ricoeur aponta Freud como um mestre da suspeita por colocar em suspensão a coisa naturalizada do pensamento cartesiano, movimentando assim o campo dos saberes.

Diante das contribuições da psicanálise, traçou-se como objetivo deste estudo apresentar uma pesquisa teórica sobre violência de gênero, discutindo-se o conceito de feminino na perspectiva psicanalítica. A pesquisa afigura-se, então, como um estudo teórico, realizado com o auxílio da revisão bibliográfica. Como suporte às discussões sobre a violência utilizou-se a teoria psicanalítica, a partir de algumas obras e textos de Sigmund Freud e Jacques Lacan, assim como de outros autores integrantes do campo psicanalítico que vêm trazendo discussões pertinentes para se pensar a violência de gênero, hoje, na interface com o conceito de feminino. (CAFFÉ, 2022; BOHMGAREN, 2017; OLIVEIRA, 2018; RIGUINI; MARCOS, 2018; NAVES, 2014; FERREIRA; DANZIATO, 2019; XAVIER; FERRANTE, 2019).

VIOLÊNCIA DE GÊNERO E PSICANÁLISE

Obras psicanalíticas nos dão subsídio teórico para compreender algumas relações de violência, sejam elas de gênero ou não. Vale demarcar que as obras aqui discutidas não foram escritas para pensar ou conceituar a violência de gênero, nem mesmo para servir de recorte

teórico para um “psicologismo” ou “psicanalismo”. Os casos se dão a partir da singularidade do sujeito e de sua experiência pessoal, social, cultural com a violência, porém as obras de Freud e Lacan podem nos servir como um aparato teórico para iniciar uma reflexão de casos de violência que se apresentam na clínica, assim como no âmbito social.

Vale destacar que a teoria psicanalítica é discutida aqui não como uma verdade, mas como uma possibilidade de alcançar uma verdade sobre o sujeito em um processo de violência de gênero. Diante desses casos, é preciso que sejam levadas em consideração, a história e a experiência de cada sujeito (agredido e agressor) enredado nas tramas sociais com a violência.

Sendo a violência doméstica crônica e cotidianamente repetitiva, de acordo com Mandelbaum, Schraiber e Oliveira (2016) ela gera no sujeito vivências de desintegração, desamparo e medo, de modo que o corpo e mente são afetados diretamente. São vivências de intimidade com o outro que tornam o sujeito agressor emocionalmente inacessível e “todo-poderoso” em relação à vida e ao corpo da vítima. Desse lugar, percebe-se a necessidade de um investimento em estudos que nos aproxime cada vez mais do sujeito que sofre, se angustia e que, muitas vezes, não vê perspectiva de sair das situações de violência que se encontram.

Pensar a violência de gênero a partir de um viés da psicanálise nos convoca a pensar sobre o lugar que o sujeito ocupa diante de seu gozo, uma vez que estamos tratando dessa violência numa dimensão inconsciente, com a possibilidade de escutá-lo de um lugar que o situa numa singularidade, dados os fatos sociais que o constituem enquanto sujeito ante sua experiência com a violência.

O lugar que o agressor e o agredido se situam nos leva por caminhos fecundos com a psicanálise, porque ela nos dá subsídios teóricos para pensarmos por exemplo, sobre esse lugar a partir das diferentes posições de gozo. Em “O Mal-Estar na civilização”, Freud (1930) traz a agressividade como algo que é inato ao sujeito, assim como as pulsões sexuais, além de afirmar que o sujeito tenta de toda forma buscar sanar esse mal-estar advindo do social.

Partindo desse texto de Freud, os autores Souza e Cunha (2018), Silva (2018) e Xavier e Ferrante (2019) apresentam a agressividade como algo inato ao ser humano, e dizem que é como se o sujeito possuísse uma inclinação à agressão e que controlá-la é abandonar a satisfação obtida, sendo isso motivo de sofrimento para o sujeito.

Para a psicanálise, a violência de gênero é discutida como sendo a violência do próprio gozo. Significa que o sujeito que violenta goza de uma posição de um gozo *do Outro*, como tratado no estudo de Mello e Souza (2021), sendo esse gozo a própria devastação do masculino. As autoras se apropriam desse termo devastação masculina como uma devastação do gozo

fálico, causador da violência contra a mulher. Nessa devastação, são disparadas experiências nas quais o Outro comparece como absoluto, intrusivo, não barrado, produzindo uma angústia relativa à intrusão do Real no imaginário, aquém de qualquer contorno simbólico em que essa experiência traz como efeito o horror da aniquilação subjetiva, trazendo consequências tão devastadora quanto as defesas para se fazer face a elas.

A posição que o sujeito ocupa diante seu gozo nos leva a pensar sobre a permanência de mulheres em situação de violência de gênero mesmo após passarem por um processo de apropriação da sua realidade. Essa realidade apresenta mudança de paradigma social diante da mulher e do feminicídio, assim como posturas discursivas e jurídicas frente às conquistas sociais e políticas, como a Lei Maria da Penha - Lei nº 11.340 (BRASIL, 2006). Mesmo assim, essas mulheres ainda permanecem em relações violentas.

Essas questões são discutidas nos estudos de Ferreira e Danziato (2019) e Xavier e Ferrante (2019). Para os autores, o gozo se apresenta como um conceito peculiar nas discussões sobre a violência de gênero e psicanálise e quando pensamos esse gozo na dimensão feminina ele se apresenta como “gozo outro”. Esse é um gozo não complementar, mas suplementar à insuficiência do gozo fálico para abarcar as perspectivas de gozo, ultrapassando o que pode ser demarcado pelo sistema representacional, afeita ao campo do Outro como campo de linguagem (MELLO; SOUZA, 2021).

A violência de gênero se apresenta demarcada por uma posição do sujeito diante uma fruição de gozo. Nessa situação, o sujeito agredido é subjugado a atos violentos e se situa em uma posição de gozo outro, enquanto o agressor se situa em um “gozo fálico”. Porém essas demarcações podem fruir, deslocando-se de possibilidades identificatórias, sendo tomado o sujeito por uma angústia.

No estudo realizado por Mello e Souza (2021) é lançado como hipótese que a violência contra o feminino na mulher seria uma expressão radical frente ao feminino, em que o homem se vê tomado pela angústia da emasculação, remetendo-se ao empuxo-ao-feminino. As autoras apresentam a insuficiência do gozo produzido pelo balizamento fálico para abranger tudo que concerne ao campo paradoxal de satisfações que um sujeito pode obter. Assim, abre-se caminho para a construção de uma suposição lógica acerca da existência de um gozo Outro situado para além do princípio de prazer. Esse lugar, quando supostamente vivenciado pelo homem, permite que ele sinta o insuportável, levando-o ao ato de violência. Não estamos aqui querendo justificar a violência, nem muito menos apoiar atos de violência, porém é necessário e importante uma

compreensão em que não se desconsidere o sujeito do inconsciente, expandindo possibilidades de atuação na clínica frente às experiências, que são singulares, e a violência.

Em seu estudo, Riguidini e Marcos (2018), nos fazem pensar sobre essa singularidade da violência. As autoras dizem que nos casos de violência doméstica, quando um homem maltrata a sua parceira, a qual encarna o feminino para aquele sujeito que maltrata, há uma verdadeira impotência do homem para abordar e, inclusive, para amar essa mulher. Nesse sentido, o amor, quando dá notícias para este agressor, este não sabe o que fazer com ele, causando horror, justamente porque o amor está situado no campo do feminino. Essa incapacidade de lidar com o feminino em alteridade, leva o homem a violar a parceira, a degradá-la e humilhá-la. Uma vez subjugada à violência, a mulher vivencia esse feminino de forma devastadora para si.

Freud (1924), na obra “O problema econômico do masoquismo”, ajuda-nos a compreender a permanência de mulheres em relações de violência a partir de um traço que pode marcar um masoquismo estrutural. E poderíamos também pensar sobre essas marcas advirem de práticas patriarcais em que se coloca a mulher em uma situação de submissão em relação ao homem, situando-a em um lugar de menor valia e também subjugando a mesma a ocupar um lugar de objeto para o marido.

No estudo de Cordeiro e Cohen (2019), em que homens que infringiram a lei Maria da Penha foram escutados, observou-se que esses homens acreditavam que seria impensável seu crime, pois tratava-se da sua própria parceira. Para eles, crime seria caso estivessem agredindo outra figura feminina nas relações sociais, sendo assim entendido como um ato passível de intervenção processual, pois não é permitido agredir a mulher dos outros. Abre-se aqui possibilidades para pensar o lugar que a mulher ocupa na fantasia de um homem, em uma vertente fetichista.

Pensar na mulher, permite notar que ela se posiciona de um lado não fálico, a partir da ordenação que Lacan faz dos seres sexuais em sua fórmula da sexuação. No “Seminário 20”, atestou-se que isso já a situa em uma posição de um gozo outro, que vai além de uma lógica fálica de completude e de um “gozo fálico”. Essa posição já a subjugada por uma lógica fálica que predomina socialmente, a de tudo poder, de produtividade e de completude, deixando-a em um lugar de vulnerabilidade, assim como em um lugar de passividade diante do Outro.

Decerto, essas discussões sobre violência de gênero e psicanálise podem ampliar o olhar quando esta se apropria de outras possibilidades de se pensar a produção de conhecimento. A contribuição da Psicanálise no diálogo com os estudos culturais, sociais e históricos não é a de reconhecer a família ou sujeitos individuais como violentos, mas de compreender que a

violência não é produto do mundo interno ou do mundo externo de modo isolado. Ela resulta da particular apropriação que cada sujeito ou família realiza a partir da interação entre o mundo.

Conforme Mandelbaum, Schraiber e Oliveira (2016), a aproximação entre a psicanálise e as ciências sociais nos possibilita pensar a violência ampliando o olhar psicanalítico e apresentando um olhar crítico sobre os avanços referentes ao campo de estudo psicanalítico ligado ao social, defendendo uma possibilidade de diálogo adequado, não negando que a entrada do sujeito se faz justamente pela entrada no social e que a violência não poderia ser analisada sem um olhar dessas áreas de conhecimento.

Observamos, então, que o sujeito não existe fora do social e que essa constituição subjetiva da violência se apresenta como um sujeito social. Alguns estudos aqui analisados apresentaram diálogos com outras ciências (MANDELBAUM, SCHRAIBER E OLIVEIRA, 2016; SILVA, 2018; CAFFÉ, 2022). No estudo de Caffé (2022), a autora menciona alguns filósofos, como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Jacques Derrida, os quais estabelecem críticas importantes a esse respeito e que mantêm um diálogo fecundo com a psicanálise. Caffé (2022) trabalha a partir de vinhetas teóricas de autores contemporâneos para fazer essa crítica.

Com relação às contribuições e resistências da psicanálise à violência de gênero, observou-se que ela se apresenta como algo interessante para a produção de conhecimento na área. Xavier e Ferrante (2019) dão um enfoque sociológico fecundo para se pensar a violência de gênero a partir de autores como Heleieth Saffioti e Pierre Bourdieu situando teoricamente as discussões sobre o lugar da mulher em permanecer em situação de violência. O masoquismo feminino se apresenta como um conceito pertinente para pensar a permanência de mulheres em situação de violência de gênero.

O MASOQUISMO FEMININO

Vale demarcar que no “masoquismo” mencionado pela psicanálise, as relações ocorrem de forma inconsciente, em que o sujeito não consegue nomear aquilo que lhe causa mal-estar. No caso da mulher, muitas vezes ela não consegue enxergar que está imersa em um contexto de violência, principalmente quando essa não é física. Essa condição é discutida em “O problema econômico do masoquismo” (1924), quando Freud propõe a possibilidade de um “masoquismo estrutural”, que eventualmente, no caso da violência de gênero, está atrelado a algum traço nas mulheres que se submetem à violência vivenciada por seus parceiros. Esse dispositivo pode ser utilizado na clínica, porém, lança luz a uma discussão sobre a

responsabilização da mulher em seu processo de violência. O masoquismo, na produção freudiana, opõe-se ao sadismo, traduzindo a violência.

Xavier e Ferrante (2019) discutem o masoquismo feminino como aquele que ocupa uma posição passiva diante de seu desejo, em que a mulher se dispõe a ser humilhada, subjugada e inferiorizada, compreendendo que está disposta a esse sacrifício — o qual representa para ela a necessidade de perder algo para conseguir um gozar a mais. Nesse caso, podemos pensar em um “gozar Outro”. A violência aparece como parceria sintomática, em que o “mal-estar” vivenciado por ambos não consegue receber contornos pelo sujeito emaranhado nas relações de violências, sendo que os dois a naturalizam; algo da ordem do inconsciente move a violência, que não cansa de se inscrever no social.

Em “O mal-estar na civilização” (1929), Freud adverte-nos que a agressividade é inata ao ser humano — como se esse tivesse inclinação à agressão, como já discutido, e ao abandonar essa agressividade, perderia, de alguma forma, a satisfação. Xavier e Ferrante (2019) dizem que quando esse ímpeto é internalizado e direcionado ao próprio eu, pode-se pensar em traços de um masoquismo estrutural; e quando externalizado e dirigido ao outro, acarreta a violência.

Esse masoquismo estrutural pode ser pensado a partir das dinâmicas das relações familiares entre os afetos e as angústias associadas às relações com a autoridade paterna, ainda na infância. Em “Além do princípio do prazer, psicologia de grupos e outros trabalhos” (1976) Freud problematiza que tais relações configuram construção histórica desigual dos sujeitos masculinos e femininos na vida privada e, assim, expõe a permissão da cultura na instauração do terror no interior da casa — principalmente quando a figura paterna é marcada por traços autoritários, sexistas, machistas e reproduzem uma cultura heteronormativa vivenciada pela filha como representação ativa, colocando-se em um lugar de subjugar essas posturas paternas. Esse terror, quando experienciado na vida adulta, pode ser subversivo a casos de violência doméstica. O que se passa na infância não é esquecido, mas levado à fase adulta como sintoma, que frequentemente aparece como violência; em alguns casos de forma dissimulada, não sendo reconhecido pelo sujeito como tal.

Em “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (1905), Freud apresenta contribuições nas discussões sobre as posturas passivas e ativas diante da sexualidade, em que aponta que o masoquismo estaria ligado a uma conduta passiva do sujeito perante o sexo e o objeto sexual, como uma forma de perversão. Em uma atitude extrema, vincula a satisfação ao sofrimento de dor física ou psíquica por parte do objeto sexual. A violência de gênero, vivenciada por mulheres, pode ter algum tipo de satisfação, o que talvez cause confusão no entendimento, pois

não se trata da mulher achar bom, mas todas essas operações acontecem de modo inconsciente, não permitindo, muitas vezes, que ela assuma as rédeas da sua própria vida.

A obra de Freud, “Bate-se numa criança: contribuição ao estudo da gênese das perversões sexuais” (1919), vem sendo discutida nos trabalhos (OLIVEIRA, 2018; FERREIRA; DANZIATO, 2019; XAVIER; FERRANTE, 2019; NAVES, 2014) como outro meio de contribuição para sustentar os estudos sobre a violência de gênero relacionados ao masoquismo feminino. As discussões nesses textos vêm dando suporte às fantasias infantis e à relação com o prazer em apanhar, que ocorre quando criança, situando o sujeito em sua forma de gozar. As crianças, ao fantasiarem, comportavam-se de maneira para que fossem espancadas também — atribuindo esse prazer ao surrar, ao sadismo ou ao masoquismo. Diz-se que a fantasia da criança espancada provavelmente advém, por acidente, da primeira infância, podendo ser considerada traço primário e estrutural de perversão (FREUD, 1919).

No caso da violência de gênero, acredita-se que a mulher que sofre agressões tenha um traço de masoquismo estrutural, e não de perversão, uma vez que a menina pode fazer alusão ao agressor na figura do genitor paterno e, por consequência, tomar a posição de agredida — apresentando-se em sua fantasia como alto grau de prazer e permitindo, assim, apontar para um conteúdo significativo, evidentemente masoquista, que lhe dá um sentido estrutural. A fantasia infantil do bater/surrar, referente ao prazer, pode vir como consequência na idade adulta, relacionada com a escolha do objeto amoroso, resultando em uma fantasia masoquista. A violência apresenta-se aqui como possibilidade de articulação por meio da passividade, destituindo o sujeito de pensar, sentir e desejar. Vale demarcar que tudo isso ocorre no campo do inconsciente.

Pensar em infância leva-nos ao texto de Freud sobre o narcisismo como estruturante para o sujeito; é nessa fase que há uma constituição narcísica. Em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914), Freud fala na primeira forma de satisfação de libido como ponto crucial para o fenômeno das relações pré-edípicas, apresentando reverberações na vida sexual feminina. Naves (2014) diz que é nessa fase que podemos pensar sobre a condição de submissão assumida pela mulher em relação ao parceiro agressor, e parece-nos revelar um modelo de estado de pessoa apaixonada, no qual se observa o empobrecimento do ego acerca da libido em favor do objeto amoroso.

Em estudo realizado por Ferreira e Danziato (2019), o desenvolvimento dos investimentos libidinais fundam-se com a satisfação das necessidades vitais e, em tese, esse papel passa a ser desempenhado pela mãe, a qual assume o lugar de primeiro objeto de amor,

tanto na menina como no menino. A discussão sobre a violência de gênero, pela psicanálise, não deve deixar de considerar essa perspectiva de viés narcísico. Esse retorno à figura materna torna-se importante para a constituição da própria feminilidade e de como ela vai vivenciar o seu feminino. Para Naves (2014), a relação entre mãe e filha, que se institui sob o significante da devastação, produz consequências catastróficas para a constituição subjetiva das mulheres. Essa condição é permeada por esse retorno à figura materna, que pode ser um caminho para a depreciação quando se goza desse lugar.

A fragilidade da mulher, em especial as questões voltadas à feminilidade, vem sendo alvo de discussões para compreender a violência de gênero, principalmente o lugar que a mulher ocupa ao manter-se em um relacionamento amoroso em que a violência se apresenta de forma frequente. Em “O Tabu da virgindade” (1917), de Sigmund Freud, uma discussão ancora a questão do ódio ao feminino, e não à mulher; hipótese que sustenta o trabalho de Riguini e Marcos (2014), em que a violência de gênero não está direcionada à mulher em seu papel social, nem enquanto gênero, mas ao feminino, conceito amplo discutido por Jacques Lacan, o qual trataremos mais à frente.

A depreciação ao feminino apresenta-se como algo peculiar para pensar a violência de gênero. Apesar do corpo da mulher ser alvo primordial da violência, o homem, o corpo trans e o homossexual, por exemplo, não estão fora do massacre da violência, justamente porque não é a mulher que é a atingida, mas o feminino.

No recorte temporal deste estudo teórico, nada foi encontrado dando ênfase a outras diversidades sexuais, apresentando-se a mulher como objeto que sofre a violência em todos os estudos analisados; mas outras formas de diversidade sexual podem ser vítimas da violência de gênero.

O FEMININO PARA A PSICANÁLISE

Quando falamos do feminino, remetemos a um período pós-freudiano, pois o conceito foi criado por Jacques Lacan em “O Seminário 20: mais ainda” (1975), com o intuito de enriquecer os estudos de Sigmund Freud, quando este pouco avançou nas discussões sobre a sexualidade feminina e a feminidade para compreender a sexualidade na mulher. Nas obras “Sobre a sexualidade feminina” (1931) e “Feminilidade” (1933), Freud apresenta uma discussão sobre as relações pré-édipicas, esclarecendo que o vínculo com a mãe é particularmente intenso e apaixonado, sendo fundamental para a vida amorosa da menina no Édipo, assim como a subestimação da relação da menina com a mãe. Freud ainda afirma que

quando essa relação de amor primeiro com a figura materna é vivenciada de forma intensa, substitui com o pai a mesma ligação, ficando difícil um retorno à mãe para a constituição da sua própria feminilidade. As discussões quanto ao falo e ao gozo do corpo também se apresentam como possibilidade de discussão a partir desses textos, posicionando sobre a distinção psicológica entre o masculino e o feminino, atrelado à ideia de ativo e passivo (RIGUINI; MARCOS, 2014; OLIVEIRA, 2018; FERREIRA; DANZIATO, 2019; XAVIER; FERRANTE, 2019).

No estudo teórico de Jacques Lacan foram citadas algumas obras que sustentam uma discussão teórica sobre o feminino a partir da psicanálise: “A Significação do Falo” (1958); “Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina” (1960); “O Seminário 9: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” (1964); “Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein” (1965); “O Seminário 20: mais ainda” (1975). Vale ressaltar que esses estudos fundamentam as discussões sobre desejo, sexualidade feminina e feminilidade e o ser mulher, subsidiando debates sobre o feminino a partir da psicanálise, nesse recorte temporal do estudo (RIGUINI; MARCOS, 2014; FERREIRA; DANZIATO, 2019; MELLO; SOUZA, 2021; OLIVEIRA, 2018; CORDEIRO; COHEN, 2012; NAVES, 2014; CAFFÉ, 2022).

As discussões sobre o feminino a partir da lógica lacaniana permeiam as questões sobre a diferença de sexo, as quais são distintas a partir de duas lógicas de gozo: o “gozo fálico” e o “gozo outro”, sendo este último, no trabalho de Rigui e Marcos (2014), tratado como “gozo feminino”. Esse gozo é visto na obra lacaniana como algo fora do corpo, em razão de ser ancorado pelo inconsciente, estando no campo da linguagem, nesse sentido — mesmo que o gozo fálico esteja implicado naquilo que o sujeito experimenta como sexual, via fantasias que o sustentam, está longe de se restringir ao gozo relativo ao órgão (RIGUINI; MARCOS, 2014). No *Seminário 20: mais ainda* (1972) encontramos suporte teórico para tratar o feminino e o “gozo outro” por meio das fórmulas da sexuação, relacionando ao que designa como feminino, que incide tanto no homem como na mulher. O conceito de feminino forjado por Lacan não incide sobre a anatomia, mas na diferenciação das formas de gozo.

Vale destacar que os estudos de Freud — “A Sexualidade feminina” (1931); “Feminilidade” (1933) — e “O Seminário 20: Mais Ainda” de Jacques Lacan se apresentaram como principais norteadores teóricos para as discussões sobre a feminilidade e o feminino nos debates sobre violência de gênero ao se pensar em um olhar da psicanálise.

A feminilidade e o feminino são conceitos que se encontram interligados desde as tentativas iniciais de Freud em falar sobre a sexualidade feminina e a feminilidade. Em seus textos para pensar a sexualidade da mulher, muitas vezes há indiferenciação entre mulher e feminino, tratando os termos como sinônimos, principalmente nos escritos freudianos — isso fica mais demarcado em Lacan, que situa o feminino como posição. É no “Seminário 20: mais ainda” que o feminino é abordado enquanto posição frente a sua sexualidade, e não como referência anatômica. Riguini e Marcos (2018) apresentam a tábua da sexuação como artifício lacaniano para descrever a relação de cada sexo com seu gozo.

Nesse sentido, a mulher está situada no gráfico da sexuação do lado feminino, do “gozo outro”, sendo lá que se inventa enquanto tal. Os caminhos para a concepção do ser mulher passa por questões que estão frente ao feminino enquanto posição. *Penisneid* (ou a “inveja do pênis”) é algo com que Freud se depara nas análises de mulheres como um complicador para a mulher subjetivar sua feminilidade e situar-se como mulher na partilha dos sexos (OLIVEIRA, 2018).

Mesmo Freud não se referindo ao termo feminino em seus escritos, como Lacan enquanto uma posição frente a sua sexualidade, já se percebe marcas em seus escritos de uma posição quanto à partilha do que é o homem e do que é ser mulher. A constituição do ser mulher percorre o campo do feminino, no qual a mãe tem grandes afetos na vida da sua filha. Em estudo realizado por Naves (2014), a formação da feminilidade passa pela figura materna, uma vez que se baseia nos embates da identificação fálica e da inveja do pênis. Nesse sentido, a relação mãe e filha apresenta-se fundante para a estrutura do ser mulher, na filha, pois essa constituição ocorre no campo do feminino. Sendo essa relação devastadora, como essa mulher estabelece-se como tal?

A menina só conseguirá tornar-se sujeito feminino se, porventura, separar-se da mãe e conservar traços dela, sendo que esses a levarão ao encontro do pai enquanto aquilo que lhe falta (NAVES, 2014). Esse encontro apresentará a ela uma falta advinda da ausência do pênis, deixando-a ter essa figura do homem como um complemento simbólico para seu desprovemento. Porém, caso esse encontro não ocorra ou mesmo demore a se concretizar, ela ficará em uma relação duradoura com a mãe, marcada por dependência e violenta hostilidade, em busca de uma exclusividade recíproca, gerando a angústia de ser devorada pela mãe (NAVES, 2014). Essa hostilidade, no confronto entre mãe e filha, é o que Lacan compreende por devastação, que implica fortes impactos na violência de gênero, sobre a qual trataremos no subitem a seguir.

Vale ressaltar que as relações entre mãe e filha na contemporaneidade passam por novas configurações quando nos remetemos à constituição de subjetividades, pois hoje o ser homem, ser mulher, ser mãe e ser filha já não se apresentam ancorados em padrões heteronormativos.

A DEVASTAÇÃO MÃE E FILHA E A VIOLÊNCIA DE GÊNERO

A devastação é um termo utilizado pelos pós-freudianos para falar sobre as dificuldades de a menina encontrar-se no desejo do Outro. Afirmam que essa dificuldade está ligada a seu vínculo com a mãe, ainda na infância, e se referem a essa mesma relação como catástrofe. Naves (2014) propõe a ideia de que as mulheres em situação de violência apresentam um processo de destituição narcísica provocada por falência na possibilidade de estruturação de unidade imaginária, operada por uma relação devastadora com a mãe, que não lhe possibilitou a constituição de inscrição desejante. Essa condição primária da mulher pode levar a consequências sérias na constituição da sua subjetividade, colocando-lhe muitas vezes em posição de assujeitamento, assumindo uma postura passiva diante de seu desejo e, conseqüentemente, essa conformação é assumida na vida adulta, em sua escolha amorosa.

Em estudo realizado por Mello e Souza (2021), o campo do feminino também é estruturado no homem. As autoras trazem uma discussão sobre a devastação masculina, a partir de um “gozo do Outro”, com uma lógica distinta entre os tipos de gozos — o fálico, o gozo outro e o gozo do Outro —, situando a devastação masculina neste último, o que o coloca em posição de violência contra o feminino na mulher. Esse estudo leva-nos a pensar sobre a constituição edípica, uma vez que no homem há uma devastação, não no campo do gozo outro, como acontece com as meninas, mas no gozo do Outro. As autoras entendem, para sustentar a hipótese, que o gozo do Outro está relacionado à vivência de um gozo intrusivo e devastador atribuído ao Outro, vivido como absoluto, tal como ocorre nas psicoses (MELLO; SOUZA, 2021).

Compreender a fase pré-edípica nas meninas e sua relação com o pai, principalmente as de ficção, advém da sua primeira experiência por um período inesperadamente longo com a mãe, deslocando agora para a figura paterna, na mesma intensidade de ficção. A figura materna sempre vai nortear a escolha do objeto da filha; mesmo que essa tenha passado pelo pai, ela reproduz o tipo de relação que teve com a mãe (FREUD, 1931). Essas relações pré-edípicas e pós-edípicas na menina apresentam-se de forma complexa, uma vez que os giros que ela dá no caminho da sua feminilidade ocorrem nessa relação com sua mãe. Em Freud (1931), ao descobrir a possibilidade de ser castrada, a menina entra no complexo de Édipo e essa mantém-

se por um longo desenvolvimento, não sendo destruído na infância, como nos meninos. É nesse momento que se vê castrada e internaliza a instância do Supereu, por meio da figura paterna, assim como reconhece a superioridade masculina e sua própria inferioridade.

É dessa inferioridade sentida pela menina, ainda na infância, que poderá resultar uma posição passiva, frente ao Outro, pois ao ver-se castrada e, conseqüentemente, inferior ao seu pai (figura do homem), volta-se à figura da mãe com uma demanda de amor, já que algo lhe falta. A falta do pênis (ou mesmo a inveja dele) possibilita um retorno, que pode ser desastroso na relação mãe e filha. Quando essa mãe não garante condições da filha inscrever-se na trama edípica, não lhe oferece condições de elaboração e simbolização, essa rede torna-se traumática, não encontrando outra via de expressão senão na insistente repetição de suas escolhas amorosas marcadas pela emergência da violência (NAVES, 2014).

Essa posição ocupada pela mulher causa grande perda na sua constituição subjetiva, ocasionando muitas vezes o investimento em relações que repetem o vínculo com sua mãe, a partir de condições primárias. Freud (1931) diz que a posição assumida pela filha, diante de sua castração, conferirá a ela uma forma de lidar com sua sexualidade, assumindo, assim, uma relação com o gozo. Conforme estudo realizado por Ferreira e Danziato (2019), é por meio da castração que a mulher alcança a forma feminina, uma vez que ela ocupará uma posição frente à sua sexualidade.

A sexualidade feminina pode ter três orientações em seu desenvolvimento, segundo Freud (1931). A primeira leva a um afastamento geral da sexualidade, pois a mulher vê-se assustada pela comparação com o menino, ficando insatisfeita com o clítoris, desistindo de sua atividade sexual e, conseqüentemente, da sua masculinidade, uma vez que o clítoris representaria sua bissexualidade, voltada ao masculino. A segunda seria uma autoafirmação, desafiadora, com a figura masculina, desenvolvendo um complexo de masculinidade. E a terceira seria a sexualidade que desembocará na forma feminina do complexo de Édipo.

Então são os complexos de castração e de Édipo que fazem com que a mulher seja levada a uma feminilidade, uma vez que transpõe a mãe como objeto, na fase pré-edípica, para o pai como objeto, ocupando uma posição frente a sua sexualidade. A violência de gênero se dá como revolta a esse feminino, de que a mulher é constituída, e que muitas vezes se coloca em um lugar de desprovido; falta algo nela que a faz buscar no Outro, sendo essa incompletude constituinte do próprio sujeito, nunca sendo tamponada. Nesse sentido, a mulher assujeita-se às relações com seu parceiro em busca dessa falta, na busca por ser amada.

O feminino é discutido enquanto posição marcada pela incompletude, impossibilidade de fazer existir a relação sexual, mesmo que contingenciando que haja encontros (violentos ou não) nas parcerias amorosas — evidencia um princípio lógico que rege a disjunção existente entre o significante e o significado, o gozo e o campo do Outro simbólico, representante da cultura e, mais especificamente, entre um homem e uma mulher. Cordeiro e Cohen (2012) mencionam que a partir das fórmulas de sexuação, podemos ter como orientação a assimetria entre os sexos, situando que há uma impossibilidade de completude por meio das parcerias, sejam elas sexuais ou não, e que nas parcerias amorosas, a relação com o Outro não é direta, mas mediada pelo sintoma. No caso da violência de gênero, há uma parceria sintomática, que une inconscientemente o agressor à agredida, apresentando-se de forma subversiva, operada sobre os modos de gozar que encontram sua escrita nas parcerias amorosas. Nessas parcerias, a mulher deixa-se encarcerar inteiramente no papel de objeto do homem, fazendo dele não o seu sintoma, mas o seu estrago (OLIVEIRA, 2018).

Pensar o feminino como algo que vai além da diferenciação biológica situa esse conceito enquanto posição de assujeitamento à passividade, sendo essa condição a devastação da mulher. A mulher vê-se imóvel diante do estrago. Na teoria lacaniana, esse estrago encontra-se, primeiro, entre mãe e filha, quando a filha permanece esperando tudo da mãe. Esse obstáculo de desligamento psíquico dá-se na dificuldade de encontrar lugar no desejo materno. Conforme Naves (2014), a menina só se tornará sujeito feminino se, porventura, conseguir o feito de, ao mesmo tempo, separar-se da mãe e conservar traços de identificação que a levarão ao encontro com o pai.

Naves (2014) apresenta uma discussão sobre a feminilidade a partir de uma releitura de Freud proposta por Joel Birman (2001), o qual apresenta o feminino, por meio da feminilidade, e a devastação, pondo em evidência a leitura lacaniana da consequência feminina entre dois gozos: o gozo fálico e o gozo outro, este último como não simbolizável. Ela ainda apresenta um conceito de devastação subjetiva como uma posição passiva da mulher frente à violência, sendo esta submetida a forças pulsionais que apontam para um gozo indizível. A violência é representada não como um sintoma interpretável, retorno do recalcado que merece ser decifrado, mas como algo que insiste e resiste em não ser captado pelas malhas da linguagem. Essa posição assumida pela mulher a impede de constituir sua feminilidade, deixando-lhe fixa em uma relação para além do desejo, a qual tem forte ligação primeira entre a menina e sua mãe. Em estudo realizado por Ferreira e Danziato (2019), a relação mãe e filha também se apresenta como fundante para se alcançar a feminilidade e esta se dá ainda na primeira relação

entre elas, na fase pré-edípica. A transição do objeto de amor para o Outro, no caso da menina, ocorre da mãe para o pai.

A feminilidade, nos estudos de Xavier e Ferrante (2019), ressalta aspectos na constituição do ser mulher, indicando que ela usufrui de dois gozos, sendo dividida por ambos: o fálico e o Outro, o que a situa no campo do feminino. Enquanto o gozo fálico é da ordem do dito, o Outro gozo é inominável. Nesse sentido, cada mulher vivencia e experiencia a violência de um lugar que lhe é próprio e não sabe dizer por que se mantém nesse lugar de passividade, pois desse lugar, pouco se diz. As autoras trazem o conceito de feminino para justificar que a experiência com a violência se dá nesse campo, ou seja, no âmbito da singularidade, do que cada mulher faz de si quando ocupa essa posição. O feminino é uma posição em que a diferença incide nas formas distintas de gozo, e não sobre a anatomia, tendo no gozo feminino aquilo que causa horror (RIGUINI; MARCOS, 2018).

As autoras Riguini e Marcos (2018) ainda pontuam que o feminino se torna insuportável no que ele pode representar para um homem e, muitas vezes, para várias mulheres, justamente por este não está referenciado a questões anatômicas, o que o torna insuportável é a ameaça de fragmentação e de dissolução do eu em um gozo sem limites. Pensando na relação de violência, a mulher — por ter algo da ordem do inapreensível, de inominável, marcado pelo gozo outro — desperta no homem um sentimento de impotência tão insuportável, que, muitas vezes, só encontra desfecho no ato violento. Em estudo realizado por Mello e Souza (2021), o conceito de feminino vem sendo discutido enquanto posição ocupada pelo sujeito relacionado com o gozo outro, situando este a um “mais além” da lógica fálica. Nesse sentido, o sujeito situado no campo do feminino busca atuar pela passividade na relação com o Outro.

O amor aparece nas discussões sobre a violência de gênero, neste levantamento bibliográfico, em dois estudos: o de Riguini e Marcos (2018) e o de Ferreira e Danziato (2019), como uma experiência que se dá em ambos os campos a partir da tábua da sexuação, apresentada por Lacan no “Seminário 20: mais ainda” (1972). Riguini e Marcos (2018) apresentam uma discussão sobre o amor e o amuro, sendo este último representante do gozo no corpo do Outro, não referindo-se à falta, mas situando em uma posição do lado masculino (consequentemente, do lado fálico). Já Ferreira e Danziato (2019) iniciam seus estudos abordando o amor em mulheres que se submetem a violência de gênero, as quais encontram o significante do seu próprio desejo no corpo daquele a quem sua demanda de amor é endereçada — assumindo esta uma posição passiva na relação, sendo posicionada do lado feminino, em

que o amor é uma falta; por isso que pouco se diz do amor, por estar do lado feminino na tábua da sexuação proposta por Lacan (1972-2018).

O conceito de narcisismo aparece no estudo como justificativa teórica para compreender a escolha do objeto amoroso e sua permanência nas relações de violência a partir do viés psicanalítico. Haveria, na mulher que sofre violência de gênero, pouco investimento do autoerotismo? Estaria ela desprovida de amor por si, fazendo-a permanecer nesse lugar de passividade? O amor, estando localizado do lado feminino onde a passividade se encontra atuante, seria uma suplência para a mulher sair da relação de violência de gênero? Questões como essas apresentam-se potentes para estudar na contemporaneidade, uma vez que a mulher começa a ocupar outros lugares, antes não pensados.

No estudo de Caffé (2022), podemos ver uma reinvenção dos conceitos da psicanálise quando se pensa o feminino a partir da diferença dos sexos na contemporaneidade. A compreensão de Édipo, pós-Édipo e questões patriarcais, heteronormativas, misoginia, sexismo, entre outras discussões mais contemporâneas, atravessam a violência de gênero e não dão conta hoje de pensar o sujeito emaranhado com o social. O estudo vai de encontro às discussões do feminino na teoria lacaniana, colocando-a em xeque-mate de forma provocativa, questionando se as fórmulas lacanianas sustentariam ou não pautas contemporâneas, quando diz que a mulher não existe, por exemplo, e apresentando, no gráfico da sexuação, que ela se localiza do lado não todo, não fálico, do lado onde não há palavra. Caffé (2022) pergunta: esta não estaria silenciada pela lógica fálica? Acrescenta-se aqui: o amor por si não estaria atravessado por essa mesma lógica em que as mães, todas fálicas, não estariam amando a si em detrimento do/a filha/filha, fazendo com que estes ocupem, quando adultos, posição passiva e, conseqüentemente, aceitando situações de violência?

A partir desse último estudo, o homem é apresentado como vítima, como perpetrador em situação de sujeito inferior, “mais feminino”; assim como uma mulher que comete ações de violência de gênero não ocupa essa posição socialmente. Isso provoca a reflexão de que ambos estão rompendo com um ciclo do que é ser homem/mulher social e culturalmente aceito. Nesse sentido, o estudo apresenta uma possibilidade de dar início às discussões sobre o feminino/feminilidade; ser homem/ser mulher a partir do campo da violência de gênero, tendo como suporte teórico a psicanálise lacaniana, e refletindo quanto a situações que surgem na clínica na contemporaneidade, em que esses conceitos precisam ser ampliados e repensados, quando se trata de todas as formas de diferenciação sexual.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

O conceito de feminino tratado pela psicanálise nos estudos aqui analisados apareceu ocupando um lugar que vai além das questões anatômicas e socioculturais, sendo tratado como uma posição que situa o sujeito frente à sua sexualidade. Nesses trabalhos, as relações sexuais estudadas foram as heterossexuais, cuja vítima da violência gênero é a mulher. Isso nos leva a pensar sobre o não investimento em produções científicas que tratem sobre outras formas de violência gênero, como as relações homossexuais, transexuais ou outras diversidades sexuais, e que convoquem o conceito de feminino a partir do viés da psicanálise.

É notório que o conceito de feminino se apresenta na tentativa de fazer uma articulação com as diferenças sexuais, tão presentes na contemporaneidade e que carecem de olhares mais sensíveis sobre a complexidade dos corpos que se fazem sujeitos na violência de gênero. Quando esse conceito é compreendido longe da lógica anatômica nos dá possibilidades de perceber a mulher e o homem enquanto sujeitos imbricados de uma subjetividade, fruto de uma cultura em caos. É preciso, portanto, olhares mais amplos para se atingir a complexidade do que é ser uma mulher, do que é ser um homem, do que é ser agressor e agredida, frente à violência de gênero. Esse conceito nos faz ampliar também o olhar sobre os sujeitos enlaçados nos contextos de violências, sejam eles de gênero ou não.

Sugere-se, então, que outras diversidades sexuais sejam estudadas a partir da violência de gênero, da psicanálise e do feminino, ampliando-se as discussões da violência na constituição de ser sujeito entrelaçado com sua sexualidade, contribuindo para expandir as compreensões sobre o que é ser humano imerso em uma pluralidade de subjetividades.

Com efeito, o pensar sobre o homem e a mulher se apresenta nos estudos analisados sobre a psicanálise e a violência de gênero, mas o que atravessa o sujeito em suas várias formas de posições não assimiláveis e o que a psicanálise tem mostrado a respeito disso não aparece nesses estudos.

REFERÊNCIAS

BECKER, A.P.S. Violência conjugal: diferentes olhares epistemológicos e práticas psicoterápicas. **Rev. Pesquisa e Práticas Psicossociais**, [S. l], n.16, v. 3, São João Del-Rei, 2021. p.1-13. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v16n3/03.pdf> Acesso em: 17 mar. 2023.

BIRMAN, J. **Gramáticas do erotismo**: A feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BOHMGHAREN, L.M.C. Escuta comigo? o psicanalista frente à violência - uma experiência na atenção básica em saúde. **Rev. Assoc. Psicanal. Porto Alegre**. n. 51, v. 52. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psi-71856> Acesso em: 16 mar. 2023.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília: Congresso Nacional, 2006. Disponível em: <http://goo.gl/mRc75T>. Acesso em: 24 abr. 2023.

CARIAS, *et al.* Sofrimento de mulheres em situação de vulnerabilidade durante a pandemia de COVID-19. **Rev. Bras. Psicoter**, [S. l], n. 23, v. 1, Porto Alegre, 2021. p. 209-222. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/rbp.celg.org.br/pdf/v23n1a16.pdf> Acesso em: 24 abr. 2023.

CAFFÉ, M. Psicanálise e violência social de gênero. **Rev. Lationoam. Psicopat. Fund.**, [S. l], v. 25, n. 3, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/bqFGzPqPgsFtnfRFzYkjTmw/> Acesso em: 12 dez. 2022.
COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS. **Convenção Interamericana Para Prevenir, Punir e Erradicar A Violência Contra A Mulher, “Convenção de Belém do Pará”**. 1994. Disponível em: <http://w92ortugu.92ortuguêsos/portugues/m.belem.do.para.htm>. Acesso em: 01 out. 2022.

CORDEIRO, E.S; COHEN, R.H.P. Crime ou parceria amorosa violenta: Interloquções entre psicanálise aplicada e direito. **Rev. Opção Lacaniana Online**, [S. l], v.3, n.7, Brasil, 2012. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_7/Crime_ou_parceria_amorosa_violenta.pdf Acesso em: 24 mar.. 2023.

ECOLE, F. F; MELO, L. S.de; ALCOFORADO, C. L. G. C. Revisão integrativa *versus* revisão sistemática. **Rev. Mineira de Enfermagem**, [S. l], v.18, n.1, Minas Gerais. 2014.

FERREIRA, E de S; DANZIATO, L.J.B. A violência psicológica na mulher sob a luz da psicanálise: um estudo de caso. **Rev. Cad. Psicanál**, [S. l], v. 41, n. 40, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v41n40/v41n40a10.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2023.

FREUD, S. **O problema econômico do masoquismo**. Obras Completas. Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund, [S. l], 1924.

_____. [1930-1936] **O mal-estar na civilização, novas conferencias introdutórias à psicanálise e outros textos**. Companhia das letras: São Paulo, 2010.

_____. [1901-10905] **Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (O caso Dora) e outros textos.** Companhia das letras: Sao Paulo, 2016.

_____. **Batem numa criança: contribuições ao conhecimento da gênese das perversões sexuais [1919].** In: Historia de uma neurose infantil ["O homem dos lobos"], Além do princípio do prazer e outros textos. Companhia das letras: São Paulo, 2010.

_____. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos [1914-1916].** Companhia das letras: São Paulo, 2010.

_____. **Sobre a sexualidade feminina [1931].** In: Amor, sexualidade, feminilidade. Trad. Maria Rita Kehl. Autentica: Belo Horizonte, 2018.

_____. **A Feminilidade [1933].** In: Amor, sexualidade, feminilidade. Trad. Maria Rita Kehl. Autentica: Belo Horizonte, 2018.

LACAN, J. **O Seminário 20: mais ainda.** Zahar: Rio de Janeiro, 2008.

LOPES, *et al.* Atendimentos psicanalíticos em urgência subjetiva - Mulheres em situação de violência doméstica em tempos de COVID-19. **Cadernos Esp**, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 66-74, 3 mar. 2022. Escola de Saúde Pública do Ceará. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.54620/cadesp.v16i1.578>. Acesso em: 26 mar. 2023.

MANDELBAUM; SCHRAIBER; OLIVEIRA. Violência e vida familiar: abordagens psicanalíticas e de gênero. **Rev. Saúde Sociedade**, [S. l.], v. 25, n. 2, São Paulo, 2016, p.422-430. Disponível em: <https://scielosp.org/article/sausoc/2016.v25n2/422-430/> Acesso em: 11 nov. 2022.

MARQUES, E.S *et al.* A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 4, 2020, p. 1-6. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/SCYZFVKpRGpGq6sxJsX6Sftx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 abr. 2023. doi: 10.1590/0102-311X00074420

MELLO, D.M; SOUZA, J.D.S. A devastação no masculino e a violência contra o feminino nas mulheres. **Rev. Latinoam Psicopat. Fund.** São Paulo, v. 24, n. 4, 2021, p.749-775. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/pMHkPHCnMkDPbN894FtLZxc/?lang=pt> Acesso em: 31 abr. 2023.

MOREIRA, A.M.M; CUNHA, D.F.S. Entre o amor e o sofrer - a violência de gênero contra a mulher nas relações afetivas do século XXI: uma análise à luz da sociologia jurídica e da psicanálise. **Rev. de Movimentos Sociais e Conflitos**, Salvador, v. 4, n. 1, 2018, p.111-131. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/revistamovimentosociais/article/view/4420/pdf>. Acesso em: 01 mar. 2023.

NAVES, E.T. A mulher e a violência. Uma devastação subjetiva. **Rev. Subjetividades**, Fortaleza, v. 14, n. 3, 2014, p. 454-462. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rs/v14n3/09.pdf>. Acesso em: 31 abr. 2023.

OLIVEIRA, M.P. de. O feminino e suas nuances: uma relação entre o conceito de devastação e a violência contra mulher **Rev. Mental**. v. 22, n.12. Barbacena, 2018, p.53-71. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v12n22/v12n22a05.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2023.

RIGUINI, R.D; MARCOS, C.M. Cinco notas sobre o feminicídio a partir da psicanálise. **Rev. Subjetividades**. Edição especial, Fortaleza, 2018. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/6174/pdf> Acesso em: 23 mar. 2023.

ROSA, M. D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v. 4, n. 2, p. 329-348, 2004.

SAMPIERI, R. H; COLLADO, C. F.; LÚCIO, M. P. B. **Metodologia De Pesquisa**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

SILVA, C.R. da. Violência de gênero no Brasil e na América latina: um enfoque psicanalítico, a produção de conhecimento e perspectivas de enfrentamento. **Rev. Brasileira de Psicologia e Educação**, [S.l.], v. 20, n. 1, p. 80-96, 2018. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/11284/7389>. Acesso em: 23 nov. 2022.

SILVA, C.F.L; TÍLIO, R.de. Alterações autobiográficas em mulheres vitimizadas atendidas pela rede de acolhimento. **Rev. Subjetividades**, v.14, n.3, Fortaleza, 2014, p. 474-485. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rs/v14n3/11.pdf> Acesso em: 01 mar. 2023.

SOUZA, H.G de; CUNHA, C de F. A interlocução da psicanálise com as políticas públicas de enfrentamento da violência doméstica contra mulher. **Rev. Opção Lacaniana Online**, [S.l.], v. 9, n. 25. Brasil, 2018. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_25/A_interlocucao_da_psicanalise_com_as_politicas%20publicas.pdf Acesso em: 25 mar. 2023.

SOUZA, M. T. de; SILVA, M. D. da; CARVALHO, R. de. **Revisão integrativa**: o que é e como fazer. São Paulo, v. 8, n. 1, 2010, p.102-106.

XAVIER, A.N; FERRANTE, F.G de; A mulher da violência: por que elas permanecem nessa relação? **Rev. Pluralidades em Saúde Mental**, Curitiba, v. 8, n. 2, 2019, p.55-72. Disponível em: <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/261> Acesso em: 12 mar. 2023.

ZUBEN, M. de C. Von . Ricoeur, Foucault e os mestres da suspeita: : em torno da hermenêutica e do sujeito . **Trilhas Filosóficas**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 34–42, 2020. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RTF/article/view/1537>. Acesso em: 15 jun. 2023.